



FORTISSIMO Nº 16 — 2018

ALLEGRO

13 / SET

VIVACE

14 / SET

ORQUESTRA
*f*ILARMÔNICA
de MINAS GERAIS

FABIO MECHETTI | DIRETOR ARTÍSTICO | REGENTE TITULAR

PROGRAMA

MARCELO DINO

Aurora Borealis

Introdução

Boreas (Deus dos ventos do Norte)

Aurora (Deusa do amanhecer)

Finale

● SERGEI PROKOFIEV

**Concerto para violino nº 2
em sol menor, op. 63**

Allegro moderato

Andante assai

Allegro, ben marcato

INTERVALO

MAURICE RAVEL

Daphnis et Chloé: Suíte nº 1

Noturno

Interlúdio

Dança guerreira

MAURICE RAVEL

Daphnis et Chloé: Suíte nº 2

Nascer do dia

Pantomima

Dança geral

Ministério da Cultura apresenta

ALLEGRO

Fabio Mechetti, *regente*

Vadim Gluzman, *violino*

13 / SET

VIVACE

14 / SET

CAROS AMIGOS E AMIGAS,

Um dos mais importantes violinistas da atualidade retorna a Belo Horizonte para nos brindar com um dos concertos mais importantes do século XX: Vadim Gluzman executando o *Segundo Concerto* de Prokofiev.

Duas suítes do balé *Daphnis et Chloé* mostram o gênio orquestral do grande compositor francês Maurice Ravel. Da suavidade de suas linhas melódicas simples e diretas à complexidade da instrumentação impressionista que utiliza todas as potencialidades da orquestra, Ravel é um mestre da luz, da cor, da flexibilidade dentro de sólida estrutura formal.

O despertar que dá início à segunda suíte encontra paralelo na introdução de *Aurora Borealis*, de Marcelo Dino, obra que estreamos nesta noite como parte do prêmio do Festival Tinta Fresca do ano passado. O compositor paulista inspira-se nesse singular fenômeno natural que tanto intrigou nossos antepassados, dando origem a interpretações filosóficas ou espirituais que o justificassem, e que segue nos encantando mesmo após o desvendamento desse *mistério* pela ciência.

Um concerto rico em contrastes e emoções.

FABIO MECHETTI

FABIO MECHETTI

*Diretor Artístico e
Regente Titular*

Diretor Artístico e Regente Titular da Orquestra Filarmônica de Minas Gerais desde sua criação, em 2008, Fabio Mechetti posicionou a orquestra mineira no cenário mundial da música erudita. Além dos prêmios conquistados, levou a Filarmônica a quinze capitais brasileiras, a uma turnê pela Argentina e Uruguai e realizou a gravação de oito álbuns, sendo três para o selo internacional Naxos. Natural de São Paulo, Mechetti serviu recentemente como Regente Principal da Filarmônica da Malásia, tornando-se o primeiro

regente brasileiro a ser titular de uma orquestra asiática.

Nos Estados Unidos, Mechetti esteve quatorze anos à frente da Orquestra Sinfônica de Jacksonville e, atualmente, é seu Regente Titular Emérito. Foi também Regente Titular das sinfônicas de Syracuse e de Spokane, da qual hoje é Regente Emérito. Regente Associado de Mstislav Rostropovich na Orquestra Sinfônica Nacional de Washington, com ela dirigiu concertos no Kennedy Center e no Capitólio. Da Sinfônica de San Diego, foi Regente Residente. Fez sua estreia no Carnegie Hall de Nova York conduzindo a Sinfônica de Nova Jersey. Continua dirigindo inúmeras orquestras norte-americanas e é convidado frequente dos festivais de verão norte-americanos, entre eles os de Grant Park em Chicago e Chautauqua em Nova York.

Igualmente aclamado como regente de ópera, estreou nos Estados Unidos dirigindo a Ópera de Washington. No seu repertório destacam-se produções de Tosca, Turandot, Carmem, Don Giovanni, Così fan tutte, La Bohème, Madame Butterfly, O barbeiro de Sevilha, La Traviata e Otello.

Suas apresentações se estendem ao Canadá, Costa Rica, Dinamarca, Escandinávia, Escócia, Espanha, Finlândia, Itália, Japão, México, Nova Zelândia, Suécia e Venezuela. No Brasil, regeu todas as importantes orquestras brasileiras.

Fabio Mechetti é Mestre em Regência e em Composição pela Juilliard School de Nova York e vencedor do Concurso Internacional de Regência Nicolai Malko, da Dinamarca.



FOTO: MARCO BORGREVE

VADIM GLUZMAN

Vadim Gluzman é reconhecido mundialmente entre os artistas de melhor desempenho na atualidade. Sua maestria artística dá vida à gloriosa tradição violinística dos séculos XIX e XX, em um vasto repertório que abrange também a música nova. As performances de Gluzman são ouvidas em todo o mundo em transmissões ao vivo e em um impressionante catálogo de gravações premiadas, lançadas exclusivamente pelo selo BIS.

O violinista israelense já se apresentou com a Filarmônica de Berlim, Sinfônica de Boston, Orquestra de Paris,

Gewandhaus de Leipzig, Filarmônica de Israel, Sinfônica Real de Londres, Concertgebouw e muitas outras. Ele colabora com maestros proeminentes como Riccardo Chailly, Christoph von Dohnányi, Tugan Sokhiev, Sir Andrew Davis, Neeme Järvi, Michael Tilson Thomas, Semyon Bychkov e Hannu Lintu. Suas participações em festivais incluem apresentações em Ravínia, Tanglewood, Verbier e o Festival de Música de Câmara North Shore, em Chicago, fundado por Gluzman e pela pianista Angela Yoffe, sua esposa e parceira.

Entre os destaques da atual temporada estão apresentações com a Sinfônica de Chicago, Orquestra de Cleveland, sinfônicas de Sydney e de Melbourne, Orquestra Sinfônica NHK de Tóquio e a Orquestra de Câmara ProMusica, em Ohio, onde Gluzman é Parceiro Criativo e Artista Convidado Principal. Ele celebra o centenário do violinista Henryk Szeryng com a Deutsche Radio Philharmonie, NDR Elbphilharmonie Orchestra, Sinfônica de Jerusalém e Filarmônica de Varsóvia.

Gluzman atua como Artista em Residência Distinto no conservatório de Peabody e se apresenta em um lendário violino Stradivari 1690 “ex-Leopold Auer”, generosamente cedido a ele pela Sociedade Stradivari de Chicago. Vadim Gluzman foi solista com a Orquestra Filarmônica de Minas Gerais nas temporadas 2011, 2014 e 2016.

MARCELO

DINO

São Paulo, Brasil, 1972

AURORA BOREALIS

2017/2018 / 12 minutos

Encomenda. Estreia mundial.

Mestre em Música pela Universidade de São Paulo (USP), Marcelo Dino graduou-se em Regência pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) e em Direito pelas Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU). Compositor e produtor musical, Dino é ainda professor do curso de pós-graduação em trilha sonora da Universidade Anhembi Morumbi e arranjador da Orquestra Jazz Sinfônica de São Paulo. Começou a atuar como compositor de trilha sonora para televisão em 1996. Em 2004, a premiação do primeiro movimento de sua *Sinfonia nº 1* no II Concurso Gilberto Mendes de Composição instigaria o produtivo compositor de trilhas sonoras a explorar também a composição de obras sinfônicas e, posteriormente, de peças para piano e música de câmara. Embora entenda tanto a trilha sonora quanto a música sinfônica como ramificações de um mesmo universo musical, Dino percebe uma certa oposição entre esses gêneros: enquanto a trilha sonora é concisa, imediata e serve a uma cena ou ima-

gem, a música orquestral convida ao “desenvolvimento extremo de material musical” e exige “amplo domínio da forma musical”.

Seu estilo musical é diverso, embora faça eco às linguagens conciliatórias de modernistas nacionalistas, como o tcheco Leos Janáček ou o inglês William Walton. Compositores ingleses, como Gerald Finzi, Leighton Lucas, Michael Tippett, Peter Fricker e Humphrey Searle, e norte-americanos, como Roy Harris, Aaron Copland e Peter Mennin, figuram como os seus prediletos, sendo aqueles que oferecem o alicerce técnico e lírico a partir do qual Dino constrói sua própria identidade musical. Também os estudos na Unesp com Edmundo Villani-Côrtes, voltados para uma

Instrumentação

Piccolo, 2 flautas, 2 oboés, corne inglês, 2 clarinetes, clarone, 2 fagotes, contrafagote, 4 trompas, 3 trompetes, 3 trombones, tuba, tímpanos, percussão, piano, harpa, cordas.

linguagem musical mais tradicional e elementos mais populares, e com Edson Zampronha, compositor engajado nas correntes de vanguarda dos séculos XX e XXI, contribuíram para a consolidação de sua linguagem musical multifacetada.

A obra *Aurora Borealis* foi encomendada a Marcelo Dino pela Orquestra Filarmônica de Minas Gerais em razão do primeiro prêmio, pela obra *Menniniana*, no Festival Tinta Fresca de 2017. Fascinado por fenômenos naturais de grandes dimensões, Dino decidiu criar uma obra inspirada no fenômeno óptico observado nas regiões polares. A decisão resultou ainda do fato surpreendente de que apenas em 2011 cientistas conseguiram registrar o som da aurora boreal, “um som bastante ruidoso que nos faz lembrar a música eletroacústica”. A partir do nome dado ao fenômeno por Galileu Galilei, em 1619, que combina duas figuras mitológicas

gregas – Aurora, a deusa grega do amanhecer, e Boreas, o deus do vento norte conhecido por suas asas púrpuras –, a obra estrutura-se em quatro seções. A Introdução explora técnicas mais contemporâneas de escrita a fim de produzir uma sonoridade mais ruidosa, evocativa dos sons da aurora boreal. Boreas (Deus dos ventos do Norte) apresenta uma sonoridade menos melódica e mais rítmica, obstinada e dramática, com harmonias sombrias e misteriosas. Estas contrastam com o caráter mais melódico e sinuoso, embora ainda misterioso, da seção Aurora (Deusa do amanhecer). Como síntese, o Finale retoma e recombina elementos das duas seções que o precedem, dando origem, assim, a um fenômeno de grandes dimensões sinfônicas.

Igor Reyner *Pianista, Mestre em Música pela Universidade Federal de Minas Gerais e Doutor em Literatura pelo King's College London.*

Referências

Para ouvir —

CD *Da areia também se vê o mar* – Marcelo Dino: *Três Prelúdios* – Antônio Eduardo, piano – Lançamento independente
HOME000005 – 2007

Para assistir —

Marcelo Dino – Sinfonia nº 1 – Orquestra Jovem do Estado de São Paulo – Mauricio Galindo, regente – Acesse: fil.mg/daurora1 (1º mov.)
fil.mg/daurora2 (2º mov.)
fil.mg/daurora3 (3º mov.)
fil.mg/daurora4 (4º mov.)

Editoração —

do compositor

SERGEI

PROKOFIEV

Sontsovska, Ucrânia, 1891 – Moscou, Rússia, 1953

CONCERTO PARA VIOLINO Nº 2 EM SOL MENOR, OP. 63

1935 / 26 minutos

Última apresentação: 04/06/2013 — Fabio Mechetti, regente | Ray Chen, violino

Prokofiev, que vivia fora da Rússia desde 1918, desejava ardentemente rever seu país natal. Nos Estados Unidos, onde tentara vencer, seu estilo composicional era sentido como excessivamente duro para as plateias norte-americanas, e alguns críticos da época consideravam-no um pianista “de aço”. Os americanos preferiam Rachmaninov. Na Europa ocidental, para onde se mudara em busca de sucesso, suas obras ainda eram pouco executadas, e os trabalhos que lhe ofereciam como pianista, escassos. Quando o assunto era música russa, os europeus eram fiéis ao estilo de Stravinsky. Sem muitas opções de trabalho e com saudades de casa, Prokofiev retornou à Rússia em 1936, no momento em que a música de Shostakovich caía em desgraça. Em sua pátria, por doze anos ele foi celebrado e recebeu inúmeras honrarias, até o momento em que o Politburo aumentou a patrulha ideológica e o atacou como “formalista”.

Pouco antes de seu regresso definitivo à Rússia, em 1935, na mesma época em que trabalhava no balé *Romeu e Julieta*, Prokofiev compôs o *Concerto para violino nº 2*. Trata-se de sua última obra composta no Ocidente. Foi criado por encomenda do violinista francês Robert Soëtens, que deteve os direitos exclusivos de sua execução por um ano. A estreia se deu em Madri, em dezembro de 1935, com Soëtens ao violino e regência de Enrique Fernández Arbós.

O *Concerto* inicia-se com o violino executando o primeiro tema, prontamente retomado pela orquestra (*Allegro moderato*). Um *intermezzo* agitado nos leva ao segundo tema (*Meno mosso*), uma doce melodia apresentada pelo solista e ecoada em toda a orquestra. A frequente

Instrumentação

2 flautas, 2 oboés,
2 clarinetes, 2 fagotes,
2 trompas, 2 trompetes,
percussão, cordas.

alternância de momentos rápidos e lentos, ao longo de todo o movimento, nos conduz à reapresentação dos temas principais, executados ao mesmo tempo pelo solista e a orquestra. O movimento termina com uma atmosfera inesperadamente misteriosa.

O segundo movimento (*Andante assai*) inicia-se com uma breve introdução da orquestra, seguida pelo solista, que executa um dos mais belos e apaixonados temas de Prokofiev. Um segundo tema, de caráter mais imponente, faz um leve contraste com o primeiro. O movimento termina com a mesma tranquilidade do início.

O terceiro movimento (*Allegro, ben marcato*) é uma dança moderada,

que cativa o ouvinte desde os primeiros acordes. A percussão torna-se mais presente, especialmente no brilho penetrante das castanholas. Embora mais brilhante que os movimentos anteriores, o terceiro guarda um quê de intimista – já presente nos demais movimentos –, principalmente no trato da orquestra, como se Prokofiev hesitasse entre a música de concerto e a música de câmara. Diz-se que sua intenção primeira era compor uma sonata para violino e piano. Ao que parece, ao transformá-la em um concerto, Prokofiev decidiu preservar muito das atmosferas originais.

Guilherme Nascimento *Compositor, Doutor em Música pela Unicamp, professor na Escola de Música da UEMG, autor dos livros Os sapatos floridos não voam e Música menor.*

Referências

Para ouvir

CD Janine Jansen/ Prokofiev – Violin concerto nº 2; Sonata for two violins; Violin sonata nº 1 – London Philharmonic Orchestra – Vladimir Jurowski, regente – Janine Jansen, violino – Decca – 2012

Para assistir

Radio Philharmonic Orchestra – Mark Elder, regente – Janine Jansen, violino – Acesse: fil.mg/pviolino2me

Para assistir

Bayerische Rundfunk – Pablo Heras Casado, regente – Julia Fischer, violino – Acesse: fil.mg/pviolino2phc

Para ler

David Gutman – Prokofiev – The illustrated lives of the great composers – Omnibus Press – 1992

Para ler

Michael Steinberg – The concerto: a listener’s guide – Oxford University Press – 2000

Editora

Boosey & Hawkes

MAURICE

RAVEL

Ciboure, França, 1875 – Paris, França, 1937

DAPHNIS ET CHLOÉ: SUÍTE Nº 1

1909/1912 / 12 minutos

Última apresentação: 16/08/2011 — Fabio Mechetti, regente

DAPHNIS ET CHLOÉ: SUÍTE Nº 2

1909/1912 / 18 minutos

Última apresentação: 16/08/2011 — Fabio Mechetti, regente

Ravel não parece se encaixar na imagem popular dos gênios subjugados por inspirações arrebatadoras, que passam dias compondo à exaustão e que emergem do transe com uma obra que parece ter surgido por vontade própria. Ravel não compunha diariamente, embora fosse capaz de compor rapidamente, quando necessário. Suas ocupações diárias eram as mesmas de qualquer pessoa comum: ele gostava não apenas de música, mas também de cuidar do jardim, de passear ao ar livre e de observar as estrelas.

“Meu trabalho de composição começa com um longo período de gestação consciente e, em geral, necessário. Posso, portanto, ficar ocupado por anos sem escrever uma única nota. Após esse período, a escrita flui rapidamente.”

Existia, entretanto, algo que despertava nele o ímpeto de compor:

a aparição de um novo “problema” a ser solucionado. E os “problemas” geralmente vinham na forma de encomendas de novas obras. Em 1909, Sergei Diaghilev encomendou a Ravel um balé sobre a história de Daphnis e Chloé, no mesmo ano em que encomendava a Stravinsky um balé sobre o conto de fadas russo *O Pássaro de Fogo*. O jovem Stravinsky, de 27 anos, era desconhecido fora da Rússia, enquanto Ravel, sete anos mais velho, já se tornava relativamente famoso na Europa. Ravel começou

Instrumentação

SUÍTE Nº 1

Piccolo, 2 flautas, flauta em sol, 2 oboés, corne inglês, requinta, 2 clarinetes, clarone, 3 fagotes, contrafagote, 4 trompas, 4 trompetes, 3 trombones, tuba, tímpanos, percussão, 2 harpas, celesta, cordas.

SUÍTE Nº 2

2 piccolos, 2 flautas, flauta em sol, 2 oboés, corne inglês, requinta, 2 clarinetes, clarone, 3 fagotes, contrafagote, 4 trompas, 4 trompetes, 3 trombones, tuba, tímpanos, percussão, 2 harpas, celesta, cordas.

imediatamente a compor o balé, mas só viria a terminá-lo três anos mais tarde, em 1912. Nesse meio tempo, os Ballets Russes estrearam o *Pássaro de Fogo* de Stravinsky, assim como seu segundo balé, *Petrushka*, enquanto Ravel orquestrava suas próprias composições *Ma mère l'oye* e *Valses nobles et sentimentales*.

Daphnis e Chloé é um dos mais antigos e conhecidos romances gregos. Escrito por volta do século II d. C., sua autoria é atribuída a um autor de nome Longus, a respeito do qual pouco se sabe. A história fala da vida do pastor Daphnis e da pastora Chloé. Ambos foram abandonados pelos respectivos pais quando muito pequenos, na ilha de Lesbos, e criados por pastores: Daphnis por Lamon e Chloé por Dryas. À medida que cresciam, as crianças se apaixonavam uma pela outra,

sem compreenderem o significado do amor que sentiam. Em um dia de festa, Chloé é sequestrada por piratas; Daphnis chora e reza para que ela retorne com vida. O deus Pã o ajuda e resgata Chloé. Todos comemoram seu regresso, uma grande festa é armada e os dois podem, finalmente, se casar.

O balé é dividido em três partes. A primeira inicia-se com uma dança religiosa em que vários pastores tomam parte, incluindo Daphnis e Chloé, até o momento em que Chloé é sequestrada pelos piratas e os pastores invocam o deus Pã. A segunda parte se passa no acampamento dos piratas; Chloé tenta, em vão, fugir, mas é recapturada. O deus Pã surge. Na terceira parte, Chloé é trazida de volta, os pastores se alegram, dançam uma dança frenética e Daphnis e Chloé se reúnem finalmente.

Ravel participou da elaboração do argumento com Michel Fokine, coreógrafo dos Ballets Russes. A partitura para piano ficou pronta em maio de 1910, mas a orquestração só seria finalizada em abril de 1912, dois meses antes da estreia. A primeira apresentação, no dia 8 de junho de 1912, no Théâtre du Châtelet, em Paris, teve Pierre Monteux como regente, Vaslav Nijinski no papel de Daphnis, Tamara Karsavina no de Chloé, coreografia de Michel Fokine, cenário e figurinos de Leon Bakst e corpo de bailarinos dos Ballets Russes. A apresentação foi um sucesso e ajudou a estabelecer a reputação de Ravel como um dos principais compositores franceses da época.

O balé *Daphnis et Chloé* emprega a maior orquestra já utilizada por Ravel. Seu papel é imprescindível, não apenas interpretando as cenas, como dando suporte à dança. A orquestra é ainda responsável por garantir a clareza das passagens, em um balé cuja ação é extremamente complexa. As cordas sustentam o edifício musical, tocando constantemente em *divisi*, permitindo, assim, uma maior liberdade às madeiras, para interpretar as sutilezas dos personagens, e aos metais, para representar as multidões. Um coro, colocado atrás da cena, canta as notas sem texto e adiciona efeitos maravilhosos a

diversas passagens (nessas suítes de concerto, o coro pode ser substituído por uma versão gravada).

Daphnis et Chloé, uma das obras essenciais da música do século XX, nos permite apreciar Ravel em um de seus melhores momentos, não apenas como grande compositor e refinado orquestrador, mas, também, como habilidoso construtor de cenas. Em 1911, antes de terminar a orquestração do balé, Ravel extraiu, da música que havia composto até aquele momento, uma suíte de concerto. Intitulada *Suíte nº 1*, ela foi estreada antes do balé, no dia 2 de abril de 1911, pela Orquestra Colonne, com regência de Gabriel Pierné. Após a estreia do balé, Ravel trabalhou na elaboração da *Suíte nº 2*, que só seria estreada em 1913. O material musical da *Suíte nº 1* (*Nocturne*, *Interlude* e *Danse guerrière*) foi retirado das partes 1 e 2 do balé, desde a dança dos pastores e o sequestro de Chloé até o seu resgate pelo deus Pã. O material musical da *Suíte nº 2* (*Lever du jour*, *Pantomime* e *Danse générale*) foi retirado da parte 3 do balé: do dia seguinte ao resgate até a dança final da união dos amantes.

Guilherme Nascimento *Compositor, Doutor em Música pela Unicamp, professor na Escola de Música da UEMG, autor dos livros Os sapatos floridos não voam e Música menor.*

Referências

Para ouvir

CD Maurice Ravel – *Daphnis et Chloé Suites; Pavane pour une infante défunte; Alborada del gracioso; Rapsodie espagnole* – Concertgebouw Orchestra – Bernard Haitink, regente – Decca/Eloquence – 2010

Para assistir (Suíte nº 1)

Orquestra Sinfonica de Castilla y León – Jesús López Cobos, regente – Acesse: fil.mg/rdaphnis1jlc Texas Festival Orchestra – Pascal Verrot, regente – Acesse: fil.mg/rdaphnis1pv

Para assistir (Suíte nº 2)

The Buchmann-Mehta School of Music Symphony Orchestra – Zubin Mehta, regente – Acesse: fil.mg/rdaphnis2zm Frankfurt Radio Symphony Orchestra – Daniel Smith, regente – Acesse: fil.mg/rdaphnis2ds

Para ler

Deborah Mawer (ed.) – *The Cambridge Companion to Ravel* – Cambridge University Press – 2000

Para ler

Peter Kaminsky (ed.) – *Unmasking Ravel: new perspectives on the music* – University of Rochester Press – 2011

Editora

Durand

Stravinsky

HISTÓRIA

25/SET, 20H

DO SOLDADO

um concerto dedicado aos
AMIGOS DA FILARMÔNICA
e a novos amigos também

Era tempo de guerra e de perdas quando Stravinsky teve a ideia de reunir histórias dessas dificuldades inevitáveis. Stravinsky tinha amigos e com eles criou a peça, o texto, os desenhos. Faltava a produção, que foi possível graças ao apoio financeiro de Werner Reinhart, a quem a *História do Soldado* é dedicada.

entrada gratuita • lugares limitados
CONFIRME SUA PRESENÇA
amigos@filarmonica.art.br

Reinhart era um clarinetista amador, um amigo das artes, e fez a diferença na história não só de Stravinsky, mas de outros artistas, como o poeta Rainer Maria Rilke, o pintor Oscar Kokoschka e a pintora Alice Bailly, que o registrou em um quadro intitulado *Homem do coração de ouro*.

A primeira apresentação da *História do Soldado* aconteceu em Lausanne, Suíça, em 28 de setembro de 1918. Passados cem anos, artistas e técnicos voltam a se unir para, no palco da Orquestra Filarmônica, interpretar esta obra enlaçada pela amizade e convocar novos amigos para o programa Amigos da Filarmônica.

JUNTOS, FAZEMOS A DIFERENÇA.
FAÇA VOCÊ TAMBÉM PARTE DA HISTÓRIA

ORQUESTRA FILARMÔNICA DE MINAS GERAIS

Fabio Mechetti

Diretor Artístico e Regente Titular

Marcos Arakaki

Regente Associado

Primeiros Violinos

Anthony Flint – Spalla
Rommel Fernandes –
Spalla associado
Ara Harutyunyan –
Spalla assistente
Ana Paula Schmidt
Ana Zivkovic
Arthur Vieira Terto
Dante Bertolino
Joanna Bello
Roberta Arruda
Rodrigo Bustamante
Rodrigo M. Braga
Rodrigo de Oliveira
Wesley Prates

Segundos Violinos

Frank Haemmer *
Hyu-Kyung Jung *****
Gideôni Loamir
Jovana Trifunovic
Luka Milanovic
Martha de Moura Pacífico
Matheus Braga
Radmila Bocev
Rodolfo Toffolo
Tiago Ellwanger
Valentina Gostilovitch
Maressa Portilho *****

Violas

João Carlos Ferreira *
Roberto Papi ***
Flávia Motta
Gerry Varona
Gilberto Paganini
Katarzyna Druzd
Luciano Gatelli

Marcelo Nébias
Nathan Medina

Violoncelos

Philip Hansen *
Robson Fonseca ***
Camila Pacífico
Camilla Ribeiro
Eduardo Swerts
Emília Neves
Lina Radovanovic
Lucas Barros
William Neres

Contrabaixos

Nilson Bellotto *
André Geiger ***
Marcelo Cunha
Marcos Lemes
Pablo Guiñez
Rossini Parucci
Walace Mariano

Flautas

Cássia Lima *
Renata Xavier ***
Alexandre Braga
Elena Suchkova

Oboés

Alexandre Barros *
Públio Silva ***
Israel Muniz

Clarinetes

Marcus Julius Lander *
Jonatas Bueno ***
Ney Franco
Alexandre Silva

Fagotes

Catherine Carignan *
Victor Morais ***
Andrew Huntriss
Francisco Silva

Trompas

Alma Maria Liebrecht *
Evgueni Gerassimov ***
Gustavo Garcia Trindade
José Francisco dos Santos
Lucas Filho
Fabio Ogata

Trompetes

Marlon Humphreys *
Érico Fonseca **
Daniel Leal ***
Tássio Furtado

Trombones

Mark John Mulley *
Diego Ribeiro **
Wagner Mayer ***
Renato Lisboa

Tubas

Eleilton Cruz *
Rafael Mendes *****

Tímpanos

Patricio Hernández
Pradenas *

Percussão

Rafael Alberto *
Daniel Lemos ***
Sérgio Aluotto
Werner Silveira

Harpas

Clémence Boinot *
Jennifer Campbell *****

Teclados

Ayumi Shigeta *

Gerente

Jussan Fernandes

Inspetora

Karolina Lima

Assistente

Administrativa
Débora Vieira

Arquivista

Ana Lúcia Kobayashi

Assistentes

Claudio Starlino
Jônatas Reis

Supervisor

de Montagem
Rodrigo Castro

Montadores

Hélio Sardinha
Klênio Carvalho
Risbleiz Aguiar

INSTITUTO CULTURAL FILARMÔNICA

Oscip – Organização da Sociedade Civil de Interesse Público — Lei 14.870 / Dez 2003

Conselho
Administrativo

Presidente emérito
Jacques Schwartzman

Presidente

Roberto Mário Soares

Conselheiros

Angela Gutierrez
Arquimedes Brandão
Berenice Menegale
Bruno Volpini
Celina Szrvinsk
Fernando de Almeida
Ítalo Gaetani
Marco Antônio Pepino
Marco Antônio Soares da
Cunha Castello Branco
Maurício Freire
Octávio Elísio
Paulo Brant
Sérgio Pena

Diretoria Executiva

Diretor Presidente
Diomar Silveira

Diretor Administrativo-
financeiro
Estêvão Fiuza

Diretora de Comunicação
Jacqueline Guimarães
Ferreira

Diretora de Marketing
e Projetos
Zilka Caribé

Diretor de Operações
Ivar Siewers

Equipe Técnica

Gerente de
Comunicação
Merrina Godinho
Delgado

Gerente de
Produção Musical
Claudia da Silva
Guimarães

Assessora de
Programação Musical
Gabriela de Souza

Produtor
Luis Otávio Rezende

Analistas de
Comunicação
Fernando Dornas
Mariana Garcia
Renata Gibson
Renata Romeiro

Analista de Marketing
de Relacionamento
Mônica Moreira

Analistas de
Marketing e Projetos
Itamara Kelly
Mariana Theodorica

Assistente de
Marketing de
Relacionamento
Eularino Pereira

Assistente de Produção
Rildo Lopez

Auxiliares de Produção

André Barbosa
Jeferson Silva

Equipe Administrativa

Gerente Administrativo-
financeira
Ana Lúcia Carvalho

Gerente de
Recursos Humanos
Quézia Macedo Silva

Analistas
Administrativos
João Paulo de Oliveira
Paulo Baraldi

Analista Contábil
Graziela Coelho

Secretária Executiva
Flaviana Mendes

Assistente
Administrativa
Cristiane Reis

Assistente de
Recursos Humanos
Vivian Figueiredo

Recepcionista
Meire Gonçalves

Auxiliar Administrativo
Pedro Almeida

Auxiliares de
Serviços Gerais
Ailda Conceição
Rose Mary de Castro

Mensageiros
Bruno Rodrigues
Douglas Conrado

Jovem Aprendiz
Geovana Benício

Sala Minas Gerais

Gerente de
Infraestrutura
Renato Bretas

Gerente de Operações
Jorge Correia

Técnico de Áudio
e de Iluminação
Rafael Franca

Assistente Operacional
Rodrigo Brandão

Fortissimo

Setembro nº 16 / 2018
ISSN 2357-7258
Editora Merrina
Godinho Delgado
Edição de texto
Berenice Menegale

O Fortissimo está
indexado aos
sistemas nacionais
e internacionais de
pesquisa. Você pode
acessá-lo também
em nosso site.

Este programa
foi impresso em
papel doado pela
Resma Papéis.

* principal ** principal associado *** principal assistente **** principal assistente substituta ***** musicista convidado (a)

Robert Lakatos interpreta o *Concerto para violino* de Sibelius. De Debussy, compositor que inaugura a música do século XX, você ouvirá *La mer* e *Rondes de Printemps*. A obra de Franck fala de uma maldição. Tudo isso em uma mesma noite. **Garanta já o seu ingresso.**

FOTO: EMIR MEMEDOVSKI

ROBERT
LAKATOS

20 E 21 / SETEMBRO

No Haus München música e gastronomia se harmonizam.



Apresentando seu ingresso, compre um prato e ganhe outro para seu acompanhante.*

ORQUESTRA
FILARMÔNICA
de MINAS GERAIS
FABIO MECCHETTI | DIRETOR ARTÍSTICO | REGENTE TITULAR



f/hausrestaurante @/hausmunchenoficial

Rua Juiz de Fora, 1257 - Belo Horizonte, MG | Telefone: (31) 3291-6900

*Promoção válida para prato de igual ou menor valor.

NO CONCERTO...



Seja pontual.



Traga seu ingresso ou cartão de assinante.



Desligue o celular (som e luz).



Não fotografe ou grave em áudio / vídeo.



Faça silêncio e evite tossir.



Cuide da Sala Minas Gerais.



Não coma ou beba.



Deixe para aplaudir ao fim de cada obra.



Se puder, devolva seu programa de concerto.



Evite trazer crianças menores de 8 anos.

AGENDA

Setembro / 2018

DIA 9, 11h Juventude

DIAS 13 E 14, 20h30 Allegro e Vivace

DIAS 20 E 21, 20h30 Presto e Veloce

DIA 29, 18h Fora de Série /

Países nórdicos

NA CAPA



Cenografia de Leon Bakst para a estreia

mundial do balé *Daphnis et Chloé*. Paris, 1912.

Restaurantes

Nos dias de concerto, apresente seu ingresso em um dos restaurantes parceiros e obtenha descontos especiais.

AU BON VIVANT

Rua Pium-i, 229
Cruzeiro



Rua Juiz de Fora, 1.257
Santo Agostinho



DIVULGAÇÃO



REALIZAÇÃO



INSTITUTO CULTURAL
FILARMÔNICA

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO
FEDERAL

Sala Minas Gerais

Rua Tenente Brito Melo, 1.090 - Barro Preto
CEP 30.180-070 | Belo Horizonte – MG
(31) 3219.9000 | Fax (31) 3219.9030

Online



WWW.FILARMONICA.ART.BR